



**O LUGAR SOCIAL DA MULHER NA OBRA *A MURALHA*,
DE DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ**

Data de recebimento: 01/10/2016

Aceite: 08/12/2016

Cristiane Gonçalves Blum FIGUEIREDO (UNEMAT)¹

Elisandra Benedita SZUBRIS (UNEMAT)²

Neuza Benedita da Silva ZATTAR(UNEMAT)³

Resumo: Neste artigo, analisamos na perspectiva da Semântica do Acontecimento de Eduardo Guimarães (2005), os lugares sociais das mulheres que protagonizam a obra *A Muralha* de Dinah Silveira de Queiroz, ou seja, como essas mulheres foram representadas socialmente pela autora. Para a realização da pesquisa, fizemos inicialmente uma leitura minuciosa do romance, destacando os recortes teóricos. As mulheres citadas na obra lutam sem medo para defender *Lagoa Serena*, o lugar onde vivem, do ataque dos índios e constroem histórias nas quais se constituem como protagonistas, antagonistas e coadjuvantes, assumindo o comando de tudo, enquanto os homens estão no sertão. É nesse contexto social que realizamos a pesquisa, analisando como se dá a constituição dos lugares sociais de onde enunciam essas mulheres, os papéis que lhes são atribuídos, considerando as condições sociais, históricas e de linguagem que as determinam no início da colonização do Brasil.

Palavras-chave: Semântica do Acontecimento. Lugares sociais de dizer. Mulheres. *A Muralha*.

Abstract: In this article, we analyze from the perspective of the Semantics of the Event of Eduardo Guimarães (2005), the social places of the protagonist women of the book *A Muralha* by Dinah Silveira de Queiroz, that is, how the author represented these women socially. For the accomplishment of the research, we did initially a thorough reading of the story emphasizing the theoretical cuts. The women mentioned in the work fight without fear to defend Lagoa Serena, the place where they live, from the attack of the indians and build stories in which they constitute protagonists, antagonists and coadjutants, Taking control of everything, while the men are in the backland. It is in this social context that we carry out the research, analyzing how the social places where these women emerge, the roles assigned to them, considering the social, historical and language conditions that determine them at the beginning of the colonization of Brazil.

Keywords: Semantics of the Event. Social places to say. Women. The wall.

¹ Cristiane Gonçalves Blum Figueiredo, graduada em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso. (UNEMAT). cristianeblum@gmail.com. ²Elisandra Benedita Szubris Mestre em Linguística pela UNEMAT. elisandraszubris@hotmail.com. ³Neuza Benedita da Silva Zattar Doutora em Linguística pela UNICAMP (2007). Professora no programa de Pós – Graduação em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT, Campus de Cáceres-MT. neuza.zattar@gmail.com



1. Introdução

Nesta pesquisa, temos como proposta analisar enunciativamente os lugares sociais de onde enunciam/dizem as personagens femininas na obra *A Muralha*, de Dinah Silveira de Queiroz, esta obra ficou conhecida como o romance histórico dos bandeirantes e trata-se de uma encomenda feita à autora em homenagem a comemoração dos 400 anos da fundação da cidade de São Paulo, ocorrido no ano de 1954.

O romance conta a história de lutas, conquistas e massacres do povo paulista, entre o final do século XVII e início do século XVIII, e é dividido em três capítulos intitulados *Descoberta da Terra*, *A Madama do Anjo* e *Canção de Margarida*. Toda a história ocorre nos espaços compreendidos entre a Fazenda Lagoa Serena, situada na então Vila de São Paulo do Campo de Piratininga, localizada na serra de Paranapiacaba, no interior da capitania de São Vicente, e o Sertão; essas eram as regiões a serem desbravadas pelos paulistas, nas capitanias de São Paulo, Bahia e Minas Gerais (BORGES, 2011).

A obra em estudo é um reflexo da realidade da época, uma vez que nesse período ocorreram alguns acontecimentos que foram marcantes para a sociedade paulistana, como a Guerra dos Emboabas que ocorreu no período de 1708-1709, luta travada entre os Bandeirantes, paulistas que saíam pelo “sertão” para capturar índios e procurar regiões auríferas, e os Emboabas, forasteiros portugueses e de demais regiões do Brasil, que lutavam pela posse de jazidas de ouro encontradas na província de Minas Gerais.

Nesse contexto, destacam-se as personagens femininas *Mãe Cândida*, *Rosália-filha*, *Basília-filha*, *Margarida-nora*, *Isabel-sobrinha* e *Cristina-sobrinha-nora*, mulheres que assumiram o controle da fazenda onde moravam em períodos de batalha. Dessa forma, buscaremos examinar como essas mulheres, através dos lugares que ocupam no acontecimento do dizer, se constituem e se particularizam nas relações de linguagem que estabelecem entre elas e o universo masculino representado por Dom Braz Olinto, esposo de Mãe Cândida, e seus filhos Leonel e Thiago.

2. O lugar social das mulheres na obra *A Muralha*

Neste item, vamos apresentar o perfil de cada uma das personagens femininas criadas pela autora, e que constituem a família que representam. Começamos com a matriarca.



Mãe Cândida, mulher forte, guerreira, pele queimada de sol, mãos calejadas pelo trabalho bruto da fazenda, cabelos branquiados, corpo tão sofrido, marcado por dores, prova de seu grande amor pela família e demonstrando, mesmo em sua rudeza e simplicidade, um carinho maternal.

No fragmento que segue, veremos como Mãe Cândida é capturada pela escritora, que a mostra como uma pessoa ao mesmo tempo rústica e cheia de afetividade:

Cristina, desajeitadamente, desceu do animal, beijou a mão calosa e morena, mão de serva, mas talhada em linhas fidalgas. Sua raiva – ela não entendia bem – como que se fora de repente naquele beijo filial. Já Mãe Cândida puxava para si mesma, a abraçava num abraço rústico, um pouco duro. Mas seus olhos pretos, pestanudos, de sobrancelhas negras, que lutavam contra a branquidão dos cabelos, impondo energia e um resto de mocidade, estavam cheios d'água. (p. 48)

Mesmo sendo uma mulher rústica Mãe Cândida deixa transparecer sua afetividade à Cristina, sua sobrinha/nora, ao chegar à fazenda. No fragmento “Depois do almoço, enquanto havia um ligeiro descanso para as outras mulheres, Mãe Cândida recebia seus doentes; também fazia de médico” (p.62), a autora mostra Mãe Cândida cuidando dos doentes, se fazendo de “médico”.

De acordo com Priore (2004 p.178), em seu livro *História das Mulheres no Brasil*, o trabalho doméstico era importante para o sustento da casa:

A atuação feminina foi também marcante na chefia dos domicílios [...]. Se para a Igreja a atuação feminina em determinadas funções domésticas parecia ultrapassar os limites desejáveis da moral cristã, é necessário situar a importância da associação entre o trabalho feminino e a economia doméstica.

As mulheres da fazenda cuidavam de tudo, e a elas era negado o conhecimento da leitura e da escrita. No entanto, era importante que as mulheres soubessem administrar e tomar as melhores decisões, pois ficavam investidas de poder para representar seus maridos enquanto estavam ausentes. As mulheres da obra *A Muralha* tinham características peculiares, mesmo não sabendo ler e escrever. Podemos observar que duas delas, Basília e Margarida, se destacavam por ter o domínio da leitura e da escrita, como podemos observar nos fragmentos a seguir:

**Basília.**

Traga esse livro, Basília, vosmecê sabe o que faz. Sabe o que quer. Havia na sala um pesado bufete, quase sempre fechado. Basília meteu a chave numa das suas portas, e lá de dentro extraiu um grande livro coberto de veludo azul já desbotado. **Basília trouxe a tinta, a pena de pato e pôs tudo junto do pai.** Depois trouxe mais um candeeiro e colocou-o sobre a mesa escura e longa, com todos os lugares vazios, menos a grande cadeira, agora ocupada por Dom Braz. Basília arredou o banco, sentou-se e o velho lhe foi ditando com impaciência sobre a viagem, os sucessos, a entrada no sertão...(p.105) (grifo nosso).

Margarida

Foi esta, entre tôdas, a mais assombrosa das admirações de Cristina. Encontrar ali **mulher letrada**, e com aquela simplicidade e aquela travessura! Imediatamente, toda a simpatia e a proximidade que a figura de **Margarida** lhe pareciam significar, se desvaneceram. A amiga, que procura nessas lonjuras, poderia ser essa **mulher que fazia versos?** (p. 60). (Grifo nosso).

Basília era a filha mais velha, muito parecida com Mãe Cândida, um pouco rude, porém prestativa, lia as cartas para sua mãe, um livro sobre remédios caseiros e ainda escrevia no livro de seu pai as viagens que ele fazia.

Esta personagem, no decorrer do romance participou de uma batalha com as mulheres da família contra índios e, nesse episódio, foi acometida no rosto por uma flecha, conforme o texto abaixo:

Basília puxou a mãe para dentro, e tornou a ocupar o mesmo posto. Novamente disparou sua escopeta, apanhando o último índio que avançava lá no fim do pátio. Atirou e desviou o rosto, mas foi tarde, **porque a flecha pegou sua face de raspão**, e se encravou na porta. O último índio havia tombado. Mas Basília fôra gravemente ferida, e seu rosto agora estava perdido; gotejava sangue[...]. (p. 219). (Grifo nosso)

Rosália, a filha caçula, era romântica e sonhadora e dedicava sua vida às atividades do comércio:

[...] Rosália tinha o orgulho de ter seu próprio comércio e mandar caixas e caixas de marmelada para longe dali. Todas as mulheres se ocupavam de trabalhos rendosos. Era extraordinário. Havendo tanto esforço e tanto êxito, faltava todo e qualquer luxo e conforto para tais mulheres.



No romance, percebemos que esta personagem não gostava de ajudar nos serviços caseiros, seu interesse era no comércio devido ser muito comunicativa. Rosália, muitas vezes, é irônica e provoca as outras mulheres com palavras um tanto preconceituosas. Em relação à atividade do comércio, trazemos um fragmento de Priore (2004, p.180) destacando a importância do mesmo para o provimento das famílias:

Tal associação ficava ainda mais evidenciada quando, além de administrar a casa, as mulheres atuavam no pequeno comércio. [...]. A transferência da chefia dos domicílios para a mulher nos núcleos familiares simples tornou a atuação feminina tão mais importante quanto mais íntima era a associação entre vida doméstica e trabalho produtivo.

Podemos observar o quanto importante era o trabalho dessas mulheres valorosas, que se sacrificavam no cuidado com a casa e no cultivo de alimentos para a produção comercial.

No fragmento abaixo, Rosália revela sua oposição ao casamento arranjado pelos pais, a caçula tinha por convicção casar-se com o homem que ela mesma escolhesse.

Eu não sou filha de minha mãe no sacrifício. Vá vosmecê escarafunchar na cozinha, no quintal e aí por fora, que há de ver nosso sangue misturado aos desses macacos. (p. 64).

Nesse contexto, podemos observar que a personagem idealizava um casamento “perfeito”, em que ela escolhesse seu próprio marido, alguém que amasse, pois, não queria seguir o que mandava o costume da família, casar-se com quem os pais acertavam, visto que nesse período os maridos, normalmente, não amavam suas esposas, e se relacionavam sexualmente com índias, escravas, ou seja, esses homens desrespeitavam as leis da religião. Rosália se apaixona por Bento Coutinho, que, posteriormente, durante a Guerra dos Emboabas, mata o próprio sogro. Este acontecimento provoca a separação do casal e deixa Rosália decepcionada e envergonhada perante a sua família, pois seu próprio marido destruiu uma família que tinha o pai como a figura mais importante da casa.

Margarida era casada com Leonel, filho de Dom Braz. É descrita como uma mulher linda, delicada, frágil e admirada por todas as mulheres da fazenda. Era amante das letras, gostava de escrever poemas enquanto o esposo estava no sertão. O desejo de ser mãe sempre



esteve em seu coração, mas nunca conseguiu e isso a entristecia. Sua casa era aconchegante e em seu quintal ela cultivava um jardim cheio de flores.

[...] aquela **graciosa figura** que sobressaía das outras mulheres, como se ela fosse uma **fidalgua menina de paço**, ali encontrada, não sabia por que espécie de acontecimento. Até o vestido era diferente. Enquanto tôdas as outras usavam saias de algodão e corpetes soltos, também de algodão, **Margarida** estava com uma linda blusa de sêda, e uma saia de chamalote. Além disso, **trazia jóias, brincos, colares e o cabelo louro penteado irrepreensivelmente**. Parecia injusto ver, na mesma fazenda, uma tão chocante regalia de luxo. [...] enquanto falava as cunhadas a olhavam com interesse e uma espécie de ternura, como se fosse o orgulho de todas. (p.50). (Grifo nosso).

Margarida e Basília se diferenciavam das outras mulheres, pela educação e pela instrução escolar. À época, as mulheres, arraigadas à sociedade patriarcal, machista e preconceituosa, eram consideradas menos inteligentes que o homem e que tinham como única obrigação cuidar da casa e dos filhos, o que repercutia de forma negativa na inserção das mulheres na sociedade, interditando-as de participar de outras atividades sociais, além do lar.

No trecho abaixo podemos notar o fascínio de Margarida pelas letras.

– Talvez vosmecê goste, porque é diferente, mas as outras mulheres da Lagoa Serena não gostam. Elas, quando os homens estão fora, se esquecem no trabalho. E eu a mais preguiçosa de todas, faço uma coisa que muitos aqui censuram numa dona: escrevo! Por parte de meu avô, tenho a rima no sangue. (p.60)

Margarida reconhece que há preconceito até mesmo das outras mulheres da casa, por ela ser amante da leitura e da escrita. Infelizmente esse sentimento de inferioridade e incapacidade era desenvolvido nas meninas através da educação discriminadora da própria família, o que não ocorrera com ela, porque o pai lhe incentivara aos estudos.

Isabel é a mais valente das mulheres e por passar muito tempo ao lado de homens, em muitos aspectos se assemelhava a eles. Ela estava sempre ao lado do tio Dom Braz em todas as viagens. Era arisca, ficava sempre longe de todos, pois, preferia estar em companhia dos bichos a das pessoas. Sua companheira fiel é a jaguatirica Morena. Isabel gostava de beber cauim, um tipo de bebida alcoólica preparada pelos índios. Guardava consigo um amor pelo primo Tiago, com quem depois de uma noite de embriaguez, tem uma relação mais íntima e engravida.



Leonel olhou atentamente Isabel, naquela sua mistura de mulher e de homem. Os pés sujos de pó, calçavam grosseiras sandálias. As mãos estavam cheias de terra, na ponta das unhas. E, no entanto, o rosto de Isabel, com fiapos de cabelo arrebatado caindo pela testa, era o de uma criança pálida e talvez doente (p. 74)

O que Leonel não imaginava é que a doença de Isabel era na verdade gravidez, e que traria muitas desgraças para a família. O fato de Isabel omitir quem era o pai da criança, fez com que seu primo Leonel tomasse as dores da família e matasse o índio Apingorá que nada tinha feito à moça. Depois dessa morte, várias outras vieram em decorrência deste fato.

No que diz respeito ao sistema patriarcal e ao comportamento sexual feminino, Albornoz (1985 p. 17) diz que:

Nos moldes patriarcais, há grande tolerância em relação ao comportamento sexual masculino e grande rigidez em relação ao comportamento sexual feminino: a mulher é considerada a “depositária da honra da família”. A mulher considerada infiel é facilmente “condenada” pela moral familiar.

O fato de Izabel estar grávida e não ser casada era um grande motivo de desonra para a família, fato que acarretou uma sucessão de desgraças sobre toda a família.

Cristina, uma jovem de dezoito anos de idade, educada em Portugal, era sonhadora, corajosa e obstinada que ficou decepcionada com a nova terra e principalmente com seu noivo Tiago. Mas, de certa forma, ela sabia que para viver o seu tão sonhado amor, teria que superar e enfrentar muitas adversidades, pois desde muito jovem já havia sido prometida em casamento ao primo “Como em tôda moça de dezoito anos, nela o amor estava muito próximo da ideia de céu merecido à custa de sofrimento” (p.34).

A cultura de dotes e arranjos matrimoniais eram mantidos pelas famílias com o intuito de fortalecer a raça e aumentar o patrimônio familiar. Segundo Samara (1989, p.135), o casamento arranjado entre famílias visava ao aumento dos dotes.

Assim como em outras culturas, o dote tinha uma função específica nos arranjos matrimoniais da sociedade paulista, dada a sua vinculação aos interesses sócio-econômicos. A família, como agente transmissor do legado material, era parte integrante desse processo, articulando os indivíduos socialmente através do dote ou ofício. Para os casamentos convergiam, portanto os interesses de ascensão social e as alianças de conveniência que implicavam em provável aumento ou perpetuação das fortunas através das gerações.



Os casamentos no período colonial brasileiro eram arranjados por laços econômicos. O pai escolhia o futuro genro ou a nora, possuidor de terras ou herança para juntá-las ao seu patrimônio e, conseqüentemente, aumentá-lo.

Cristina, como toda donzela sonhadora, sempre idealizou um casamento igual aos dos contos que ouvira, no entanto, tinha que se acostumar com a realidade, uma vez que na terra nova, as mulheres frequentemente tinham que criar os filhos bastardos de seus maridos, nem imaginara ela que passaria pelo mesmo.

Triste amor – se é que aquilo pudesse ter um nome assim bendito. Sempre Cristina ouvira falar em almas que se compreendiam, quando se desentendiam os corpos. Ali mesmo, naquela terra tão nova, não conhecera já tantos casos em que as mulheres abnegadamente criavam os filhos de seus maridos – os filhos da depravação ou da lonjura dos matos? Esses eram o casamento das almas. E o seu? Haveria então outra história igual a sua? (p.176).

A jovem Cristina se adequou rapidamente à nova cultura e pouco tempo depois de sua chegada, foi surpreendida com a notícia de que seu esposo lhe daria um filho bastardo. Criar os filhos bastardos dos maridos era uma realidade vivenciada por muitas mulheres nesse período, pois, os homens mantinham relações extraconjugais tanto com as índias como com as escravas.

3.Principais Conceitos da Semântica do Acontecimento

Em *Os limites do sentido*, Guimarães (2010, p. 69) “ressalta que a relação do funcionamento da língua se dá com o interdiscurso e não com a situação”. Sendo assim, o enunciado é considerado uma unidade discursiva e o funcionamento da língua acontece, na relação de um discurso com outros discursos, de um enunciado com outros enunciados.

Nessa direção, Guimarães (2010, p. 70) define enunciação como:

Um acontecimento de linguagem perpassado pelo interdiscurso, que se dá como espaço de memória no acontecimento. É um acontecimento que se dá porque a língua funciona ao ser afetada pelo interdiscurso. É, portanto, quando o indivíduo se encontra interpelado como sujeito e se vê como identidade que a língua se põe em funcionamento.



Ou seja, a língua funciona à medida que um indivíduo ocupa uma posição de sujeito no acontecimento pelo funcionamento da língua recortada pelo interdiscurso, o sentido se produz. E o sentido é definido nessa linha como “efeitos da memória e do presente do acontecimento: posições de sujeito, cruzamento de discursos no acontecimento” (Idem, p. 70).

Guimarães (2005, p.18) define os espaços de enunciação como “espaços de funcionamento de línguas constituídos por falantes/sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer”.

Ao definir espaço de enunciação como um espaço atravessado pelo político que promove a divisão da língua, o autor coloca que os falantes são tomados por agenciamentos enunciativos, configurados politicamente.

Nesse sentido Guimarães (2005, p.16) afirma que o político é

um conflito entre uma divisão normativa e desigual do real e uma redivisão pela qual os desiguais afirmam seu pertencimento. Mais importante ainda para mim e que deste ponto de vista o político é incontornável por que o homem fala. O homem está sempre a assumir a palavra, por mais que esta lhe seja negada.

A cena enunciativa se caracteriza, segundo Guimarães (2005, p. 23), “por constituir modos específicos de acesso à palavra, considerando as relações entre as figuras de enunciação e as formas linguísticas”.

Guimarães (2005) divide as figuras da enunciação em Locutor, locutor-x e enunciador. O Locutor (com L maiúsculo) “é o lugar que se representa no próprio dizer como fonte deste dizer” (p.23), e para se estar no lugar de L é necessário estar afetado pelos lugares sociais que o autorizam a falar de um determinado modo e em determinada língua.

Nesse sentido, “para o Locutor se representar como origem do que se enuncia, é preciso que ele não seja ele próprio, mas um lugar social de locutor” (p.24). Por exemplo, o lugar social do Locutor representa o locutor-x, sendo que a variável x representa a variabilidade de lugares sociais, como por exemplo: locutor-mãe, locutor-esposa, locutor-filha, etc.

Os enunciadores são lugares de dizer, que correspondem à outra divisão do Locutor na cena enunciativa e correspondem a quatro tipos:



o enunciador-individual, que se representa “como independente da história pela representação desta individualidade a partir da qual se pode falar”; o enunciador-genérico, que “se mostra como um indivíduo que escolhe falar tal como outros indivíduos”; o enunciador-universal, “é um lugar que se significa o Locutor como submetido ao regime do verdadeiro e do falso”; e o enunciador-coletivo, “quando a enunciação representa o Locutor como difuso num todos em que o indivíduo fala como e com outros indivíduos” (GUIMARÃES, p. 24-26).

Para esta reflexão, tomamos como unidade de análise semântica o enunciado compreendido como “uma unidade de significação, que se caracteriza por produzir sentido” (Idem, p. 70).

4. Análise das Cenas Enunciativas

a) (Mãe Cândida e a nora)

No trecho do livro, de onde extraímos o recorte abaixo, Mãe Cândida recebe a nora Cristina, recém-chegada de Portugal à Lagoa Serena, nome da fazenda em que ia se hospedar e, ao perceber a decepção da nora em não encontrar o noivo a sua espera, diz:

R1. –Compreendo a sua decepção por não encontrar Tiago, aqui à espera. Mas... quem sabe se isso não será melhor? Assim vosmecê vai vendo a sua própria casa e a sua própria gente, nós todas –mostrou as outras mulheres – estudando nossos costumes para que ele a conheça já como filha da casa. (p.48)

Nesse recorte temos uma cena enunciativa constituída em espaço de enunciação de Língua Portuguesa (de Portugal) do início do século XVIII, entre falantes que se caracterizam pelos modos de dizer e pelos lugares sociais que representam.

Nessa cena enunciativa, temos o Locutor que assume o lugar social de Mãe Cândida(locutor-x), que a autoriza a dar as boas-vindas à nora, instituída como alocutário-x, ou alocutário-nora. Nessa cena, o locutor-Mãe Cândida diz ao alocutário-nora que entende o fato de sua decepção e que a ausência do noivo iria ajudá-las a se conhecerem melhor.

Considerando o lugar de matriarca da família, Mãe Cândida pode convocar para si outros lugares sociais que a autorizam a dizer também como mulher, como podemos ver em:



“Assim vosmecê vai vendo a sua própria casa e a sua própria gente, **nós todas – mostrou as outras mulheres**” (grifo nosso). Nessa cena, o locutor-Mãe Cândida assimila o lugar de enunciador coletivo, que “se caracteriza por ser a voz de todos como uma única voz” (GUIMARÃES, 2005, P. 38).

O emprego do operador argumentativo *Mas* em “Mas... quem sabe se isso não será melhor?”, contrapõe argumentos, e serve como uma ferramenta importante na ligação entre os distintos segmentos de um determinado enunciado.

O tratamento dado à nora – vosmecê², era uma forma informal de tratamento, “tem também valor afetivo” e também pode revelar proximidade com a pessoa com quem se fala.

b) (Basília e Cristina)

No fragmento a seguir, encontravam-se Cristina e Rosália conversando na cozinha, quando entra Basília e escuta o que Rosália dizia. Basília, então, censura a irmã e pede a Cristina para não dar atenção ao que a caçula diz.

R1 – Vosmecê não se impressione mal com Rosália. Tem língua solta, foi mal educada e mimada por todas nós. Eu lhe deveria ter, como mana velha, aplicado a palmatória, mas nem Mãe Cândida a corrige. E o resultado é este: uma menina sem modos, dizendo toda espécie de inconveniências. Eu lhe peço Cristina. Não dê trela para suas conversas e, como pessoa mais velha, a censure e a corrija quando for oportuno. (p.65)

Nessa cena enunciativa se dá a assunção à palavra pelo Locutor, que assume o lugar social de locutor-x ou locutor-Basília, que a autoriza a falar como irmã mais velha, alertando a cunhada, instituída como alocutário-x ou alocutário-cunhada.

Considerando o lugar de filha mais velha da família, Basília se coloca no lugar social de irmã que pode criticar os modos da irmã mais nova por não tê-la corrigido, na infância, como podemos ver em: “Eu lhe deveria ter, **como mana velha**, aplicado a palmatória...” (grifo nosso).

²Vosmecê pron. Contração de Vossa Mercê; forma pronominal de tratamento familiar, ou quando se dirige a pessoa de posição mediana. Bras. Tratamento que os filhos davam aos pais e aos avós. HOUAISS, Antônio. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.



Nessa cena, o dizer do locutor-Basília traz o memorável dos modos como a irmã Rosália se relaciona com a família: “Tem língua solta, foi mal educada e mimada por todas nós”. Observa-se ainda na cena um pedido do locutor-Basília a Cristina, a cunhada recém-chegada de Portugal, que não dê ouvidos a Rosália, e a autoriza a censurar e a corrigir, “quando for oportuno”, a irmã mais nova da família.

c) (Rosália e o esposo Bento Coutinho)

No excerto retirado do livro, Rosália e seu esposo Bento Coutinho conversam durante o almoço sobre as guerras que está travando com os paulistas. Rosália então diz ao marido:

R1– Eu não quero mais saber de gente de São Paulo. Mas... se fizerem algum mal aos meus – não te quero esconder meu coração – nunca mais me verás! (p.271)

Nessa cena enunciativa, temos o Locutor que se representa no próprio dizer, como fonte desse dizer, e assume o lugar social de locutor-x ou locutor-esposa, que a autoriza a falar com o esposo, desse lugar.

Nessa cena, o dizer do locutor-esposa rememora o já-dito da guerra entre os Paulistas e os Emboabas, pela exploração de minas auríferas na região de Minas Gerais. Esse confronto trouxe muito sofrimento para a sua família. Vejamos o recorte da obra:

Pela manhã, moradores do arraial chegavam, medrosos, às proximidades do capão de mato. À noite ainda ouviram gemidos, uns débeis gemidos, mas agora se via – estavam todos mortos. Mulheres se abraçavam aos maridos e tinham crises violentas de choro. Um habitante teve tanta emoção, que saiu a correr, endoidecido, ao ver aquele amontoado da monstruosa matança. (p. 379)

No enunciado “Mas... se fizerem algum mal aos meus – não te quero esconder meu coração – nunca mais me verás!”, o operador argumentativo **Mas** está sendo empregado para contrapor a posição de Rosália em relação ao que pode acontecer a sua família se for atacada por Emboabas, uma vez que o operador “Mas” contrapõe argumentos.

É interessante observar a flexão do verbo “ver” em “nunca mais me verás!”, na 2ª pessoa do singular, uma forma que era utilizada à época na língua portuguesa (de Portugal), e



que atualmente, no Brasil, foi substituída, na maioria das regiões do Brasil pelo pronome de tratamento “você”. Esse enunciado, assim falado no início do século XVIII, atualmente é dito assim: “Nunca mais me verá!”.

d) (Margarida e Rosália e a cunhada Cristina)

No recorte abaixo, Margarida e Rosália ajudam a prima Cristina a se lavar, as duas estavam ansiosas para ver a recém- chegada sem maquiagem. Uma delas diz:

R1 – Ah, dizem que as mulheres de Lisboa têm duas caras, mas que a verdadeira só o diabo lhes sabe. Aí está a água, minha mana. Vamos ver a sua face verdadeira, depois que já conhecemos a de cerimônia (p.53)

Nessa cena enunciativa, o locutor-x ou locutor-cunhada enuncia: “dizem que as mulheres de Lisboa têm duas caras, mas a verdadeira só o diabo sabe”. Esse enunciado rememora o provérbio português que significa a pessoa que, na sua frente, representa o papel inverso do que realmente sente a seu respeito. Nesse enunciado, o locutor-cunhada assimila o lugar de dizer do enunciador genérico, “quando a enunciação representa o Locutor como difuso num todo em que o indivíduo fala como e com outros indivíduos” (Idem, p. 26).

A cena enunciativa, deste modo, “se caracteriza por constituir modos específicos de acesso a palavra dadas as relações entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas” (Idem, p. 23)

Notamos na forma verbal “dizem”, a indeterminação do sujeito falante, isto é, o Locutor-cunhada não faz essa afirmação, apenas reproduz algo já-dito em Portugal sobre as mulheres que pensam de um jeito, mas agem de outro.

No enunciado “Aí está a água, minha mana. Vamos ver a sua face verdadeira”, a *água* está significando a limpeza da outra face da noiva que as irmãs/cunhadas ainda não conhecem e que vão passar a conhecer.

O tratamento dado à cunhada – mana – era uma forma carinhosa e afetuosa de se referir à cunhada, que logo faria parte da família.

e) (Izabel e o tio Dom Braz)



No trecho que segue, Izabel passa mal durante a viagem com o seu tio Dom Braz e todos param para socorrê-la. Izabel chora um pouco, mas logo se recupera e levanta firme em sua rudeza. E pede ao tio para continuarem a viagem, pois não seria por causa dela que se atrasariam. Izabel então diz ao tio:

R1 – Doença de mulher é coisa que não conta. Quantas vezes eu já me senti indisposta? Só que não bambeeí como desta. Tive força e acompanhei **vosmecê**. Mas isso não vai se repetir. (p. 76). (grifo nosso).

Nessa cena temos um Locutor que se representa no próprio dizer, como fonte do dizer, que assume o lugar social de locutor-x ou locutor-sobrinha, que a autoriza a dizer ao tio: “Tive força e acompanhei **vosmecê**. Mas isso não vai se repetir.”

Nessa cena, o locutor-sobrinha, ao enunciar, se coloca no papel de mulher, demonstrando sua fragilidade, embora argumente que “Doença de mulher é coisa que não conta.”

f) (Cristina)

O último recorte retirado da obra *A Muralha* é marcado pela comemoração do casamento de Cristina e Tiago. A noiva portuguesa percebe que os homens estão revoltados com o Rei e que não iriam brindar a saúde de El-Rei. Ela, contrária a essa posição, num ímpeto, levanta e faz um brinde à saúde do Rei.

R1 – Se a noiva tem lugar nesta festa, lugar primeiro, como dizem, seja ela, então, quem tenha a honra de levantar o brinde a El-Rei! (p.155)

Nessa cena enunciativa, temos o Locutor que assume o lugar social de locutor-x ou locutor-noiva, que brinda em saudação ao rei de Portugal, instituído como alocutário-x, ou alocutário-rei.

O locutor-noiva, nessa cena, é afetado pela exterioridade de sua origem portuguesa, e desse lugar social manifesta-se diferente da sua futura família ao brindar o Rei de Portugal. Esse gesto mostra que os lugares sociais da noiva e dos familiares do noivo são distintos na enunciação de comemoração do casamento.



3. Considerações finais

Neste trabalho, através das análises realizadas, passamos a ver a obra *A Muralha* com outros olhos, observando os lugares sociais de onde as personagens femininas enunciam/dizem, por compreender que para se estar no lugar de L (Locutor) é preciso estar afetado pelos lugares autorizados a falar.

Observamos que a cena enunciativa “coloca em jogo, de um lado, lugares sociais do locutor, papéis enunciativos como locutor-mãe, locutora-esposa, locutor-noiva etc. [...]. “O locutor não se apresenta senão enquanto predicado por um lugar social distribuído por uma deontologia do dizer”. (Guimarães, 2005, p. 26). Desta forma, analisamos nas cenas enunciativas que “aquele que fala” ou “aquele para quem se fala” não são pessoas, mas uma configuração do agenciamento enunciativo. São lugares constituídos pelos dizeres e não pessoas donas de seu dizer.

Assim, ao analisar cada cena enunciativa podemos considerar que o próprio modo de constituição destes lugares se dá pelo funcionamento da língua. Acreditamos que o lugar social de cada personagem (sujeito) na obra *A Muralha*, carrega sentidos que estão ligados a sua historicidade e nos seus dizeres durante o desenvolver da obra.

5. Referências

ALBORNOS, Suzana. **Na Condição de Mulher**. Coord. de Suzana Albornos. Colab. de Maria da Conceição de Araújo Carrion, Miriam Grossi, Sônia Pilla e Rosa Casaccia. Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul, 1985.

BORGES, Samantha. **Teoria lukacsiana e o “herói medíocre” na obra A Muralha**. UFSM. Estação Literária Londrina, Vagão-volume 8 parte B, p. 151-157, dez. 2011.

DEL PRIORE, Mary. **A Mulher na História do Brasil**. São Paulo, SP: Editora Contexto, 1988.

_____. **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2004.

EXPILLY, Charles. **Mulheres e costumes do Brasil**. 2. ed. Brasília, DR: Editora Nacional, 1977.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do Acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.



_____. **Análise de Texto:** Procedimentos, Análises, Ensino. Campinas, SP: Editora RG, 2011.

_____. **Os limites do sentido:** um estudo histórico e enunciativo da linguagem. 4. ed. Campinas, SP: Editora RG, 2010.

QUEIROZ, Dinah Silveira de. **A Muralha.** 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: José Olympio, 1956.

SAMARA, Eni de Mesquita. **As mulheres, o poder e a família.** Direitos para publicação no Brasil adquiridos pela Editora Marco Zero, São Paulo SP, 1989.

ZATTAR, Neuza. A corte portuguesa mudou-se ou fugiu para o Brasil? In: **Discursividade.** 8. ed. Campo Grande, UEMS, 2012.